

O USO DA ARQUEOLOGIA E DA TECNOLOGIA NA PRODUÇÃO DE LUGARES DE MEMÓRIA

Helena Santos Torres¹; Yan Graco Dantas Cafezeiro²;

¹Graduando em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo; ²Mestre em Conservação e Restauro/Doutorando em Arquitetura e Urbanismo;

Iniciação científica – Iniciação científica-voluntária; helena.torres@aln.senaicimatec.edu.br

Centro Universitário SENAI CIMATEC; Salvador - BA; yan.cafezeiro@fieb.org.br

RESUMO

Os lugares de memória são espaços que expressam traços importantes da identidade histórica e cultural dos povos, eles podem ser reais, simbólicos, monumentos, museus, cidades, festivais. A arqueologia tem um papel fundamental na definição desses lugares, possibilitando que a história de diversas civilizações perpetuem-se na linha do tempo da humanidade, caracterizando a memória coletiva dos grupos culturais. É a ciência que revela, através de evidências concretas, a verdade dos acontecimentos em determinados espaços, evitando que sejam apagados pelos processos contemporâneos acelerados de compreensão do tempo e proporcionando a construção de um futuro mais justo e equitativo. Existem casos reais desenvolvidos por profissionais que se debruçam neste âmbito da arqueologia contemporânea, enfatizando a temática da opressão e da resistência nas sociedades atuais, e o objetivo desta pesquisa é utilizar estes novos conceitos e casos concretos para propor uma correlação entre a arqueologia e a utilização das novas tecnologias a seu favor.

PALAVRAS-CHAVE:PATRIMÔNIO; LUGARES DE MEMÓRIA; POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

1. INTRODUÇÃO

A história que é estudada hoje em ambientes acadêmicos já foi, um dia, o presente e, para desenterrar lugares de memória esquecidos, foi necessário o trabalho de pesquisadores em estudar, pesquisar, registrar e documentar esses acontecimentos. No entanto, para chegar nesse estágio de maturidade, antes foi necessária uma etapa indispensável que é a identificação dos eventos de efetivo impacto para a humanidade, sem sequer ter ideia da quantidade de acontecimentos que seriam descobertos e compreendidos, e essa é uma das grandes tarefas da arqueologia, identificar e interpretar fatos historicamente relevantes. No passado, apesar da falta de tecnologia, a identificação de acontecimentos marcantes e revolucionários, não contava com as dificuldades atuais de excesso e desordenamento de informações, pois a vida de todo o planeta era mais calma, monótona, e mais lenta. Já na atualidade, esse cenário é completamente diferente, uma vez que as informações são globalizadas e passam como o vento, a cada novo dia são dezenas de acontecimentos “relevantes” para a memória de todos, pois isso, é essencial que a arqueologia seja utilizada para identificar lugares de memória de diversos grupos culturais que passaram e foram enterrados sem a constatação da história, devido à essa velocidade contemporânea. O objetivo desta pesquisa é estudar os lugares de memória enquanto patrimônio cultural, compreendendo e discutindo os possíveis usos da tecnologia e ferramentas digitais para a criação de lugares de memória e preservação da memória edificada e sensível através do estudo de caso e propor reflexões acerca dos possíveis projetos aos quais essas ferramentas podem ser incorporadas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa, de cunho teórico, está sendo desenvolvida através da leitura e análise crítica de artigos relacionados ao tema, além do estudo de casos reais que demonstram a aplicação das novas tecnologias a favor da arqueologia contemporânea. Este estudo resulta em repertório para a redação do artigo autoral estabelecendo a relação entre a arqueologia e a tecnologia, bem como a importância da exploração destas para a consolidação e historicização dos acontecimentos relevantes na atualidade.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As consequências das mudanças socioculturais e globais na vida humana são refletidas no fato de que cada vez mais as pessoas vêm procurando entender sobre a cultura de seus antepassados e, caso não saibam suas origens, cada vez mais estão procurando pelos testes de ancestralidade para descobri-las. De acordo com o MIT Technology Review, mais de 26 milhões de pessoas realizaram testes como este apenas em 2018.¹ Estes dados são resultado de um processo de globalização tão intensificado que passou a descaracterizar e dissolver os hábitos culturais particulares de cada grupo, de tal forma que podemos ver adolescentes no Brasil, praticando atividades similares aos adolescentes no Japão, na França, nos EUA, e em inúmeros outros países com contextos e históricos totalmente distintos. De acordo com o historiador ISSN 0805-2010 – *Anuário de resumos expandidos apresentados no IX SAPCT - SENAI CIMATEC, 2024*

francês, Pierre Nora, as sociedades atuais deixam a história se transformar em passado, pois elas se deixam levar pelas mudanças contemporâneas.² A globalização, por mais inevitável que seja, e além de todos os benefícios que ela proporciona, tem como efeito colateral este fenômeno de descaracterização identitária por uma massa de características comuns em escala mundial.

Este fenômeno é explicado pela relação “história x memória”, no qual a memória representa uma dimensão coletiva e plural, remete ao sagrado e é carregada por grupos vivos, como as tradições de um povo, que são realizadas todos os dias. Enquanto isso, a história é uma representação do passado, e tenta reconstruir o elementos dele que já não existem mais dentro de um caráter mais erudito, muitas vezes de forma incompleta, uma vez que não se pode preservar totalmente esta dimensão viva do que a memória representa, justamente pelo teor analítico da história, ela perde a genuinidade que a memória carrega, fazendo seus componentes perderem um pouco de sua “magia” e naturalidade, nesse sentido, a memória possui uma amplitude contextual maior. As gerações atuais vêm perdendo a cada dia este contato mais próximo com a memória de seus grupos, e passam a conhecê-la apenas através do ponto de vista da história, o que impulsiona outras situações devido a falta de um guia ou um propósito para cada indivíduo, isso porque a conexão com a cultura, costumes e tradições de seu povo, é algo que ajuda os seres humanos a seguirem suas vidas, lidarem com problemas e encontrarem sentido e forças para continuar, as crenças fazem um papel extremamente importante na mente das pessoas e em sua relação com sua própria comunidade.

Antigamente, apenas os nobres, a igreja e o Estado eram os ditadores de quais informações e como elas seriam divulgadas. Com o avanço da tecnologia, os veículos de informação tornaram-se mais globalizados e democratizados, o que foi um ponto muito positivo deste desenvolvimento. No entanto, um dos fenômenos mais marcantes da atualidade é a necessidade quase compulsiva de criar arquivos, registrar fotos e vídeos, etc; consequência dos avanços dos meios de comunicação combinados com a falta que a memória faz na vida das pessoas, mas a verdadeira preocupação é que este hábito artificial termina por afastar ainda mais os costumes intrínsecos de cada povo, pois a quantidade astronômica e veloz de informações, dados e imagens que são geradas a cada minuto no mundo, tornam ainda mais difícil que elas sejam filtradas separando o que é importante e o que não é, como em “Patrimônio Arquitetônico: Debates Contemporâneos”, em que Yan Cafezerio explica que a globalização e a evolução dos meios de comunicação permitem a apreensão do tempo de uma forma inédita na história: efêmera, impalpável, volúvel e superveloz em um regime em que fluxo voraz do tempo é vivido como ameaça à existência dos mais diversos grupos.⁴ Notícias de caráter mundial, que afetam diretamente a diversos países do mundo são apresentadas em redes sociais da mesma forma e, às vezes, pela mesma fonte, que são compartilhados memes e fofocas de celebridades, isso gera uma dificuldade de processamento para o cérebro, que reflete-se na dificuldade de identificar acontecimentos e marcos relevantes para a humanidade nos últimos tempos.

Sendo assim, a perda de identidade e desconhecimento de costumes originais provocam uma desvalorização e o apagamento de expoentes extremamente relevantes do patrimônio de um grupo, país e até do mundo. Monumentos, estátuas, edificações e até complexos arquitetônicos inteiros vêm sendo deixados à mercê do tempo, chegando até mesmo à ruína, sem que a população vizinha sequer saiba o que aquele elemento representa para a história e cultura dela própria. É nesse contexto que é ratificada a importância de se reconhecer formalmente obras diversas como patrimônio de um grupo social, abrindo espaço para sua consolidação como lugares de memória, evitando sejam apagados ou esquecidos em meio ao bombardeio de informações passageiras dos dias atuais. Esse processo é ainda mais importante a respeito do patrimônio recente que encontra dificuldades enormes em se tornar lugar de memória, tendo em vista que este já está misturado com o tsunami de informações da contemporaneidade líquida, enquanto o patrimônio já registrado está muito mais consolidado, uma vez que já foi revisitado, revisado e estudado inúmeras vezes, compondo um bom espaço na memória coletiva, mesmo que superficialmente.

A preservação do patrimônio se deve à capacidade da memória coletiva de comover e unir uma comunidade. Segundo o sociólogo austríaco, Michael Pollak, através do contato com sua comunidade, do ponto de vista histórico e cultural, é possível haver um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.³ Assim, quando um grupo de pessoas passa por alguma situação extremamente revolucionária ou traumática, estas marcas percorrem o tempo e as gerações, influenciando diretamente no modo de agir, pensar e construir o perfil individual de cada pessoa. Por exemplo, a ditadura nazifascista que impactou na vida de milhares de pessoas e, mesmo aquelas que não eram nascidas ou eram muito novas para compreender a situação, carregam em si o peso das ações devastadoras que esse período gerou. É possível dizer que até hoje, pessoas pertencentes aos grupos mais atingidos pelo nazismo são capazes de possuir a mesma repulsa que seus antepassados têm por essa ideologia absurda, o que pode acontecer também no sentido contrário com indivíduos que vêm de famílias com forte influência nazista; da mesma maneira que este fenômeno ocorre, até hoje no Brasil, com a ditadura militar; na França, com a Primeira Guerra Mundial, e assim por

diante. São exemplos como esses que demonstram a força de influência que a memória coletiva detém sobre os grupos sociais, sendo uma ferramenta extremamente poderosa para o desenvolvimento ou catástrofe da humanidade, e é por isso que deve-se estudar cuidadosamente esse tema.

Nesse sentido, o reconhecimento formal das obras que fazem parte do patrimônio histórico, artístico e cultural toma uma dimensão ainda maior, uma vez que no meio de tantas informações desenfreadas e desordenadas, os elementos físicos, obras arquitetônicas, monumentos, peças artísticas, etc, são capazes de compor um lugar de memória que concretiza de forma material o símbolo de um marco importante na história de um ou vários grupos. Acontecimentos decisivos que antes eram celebrados ou taxados com aversão pela população, hoje passam batido nas redes de comunicação, e uma grande ferramenta de evitar que os marcos mais significativos sejam apagados é atribuí-los à elementos físicos como os citados anteriormente. Em relação às obras e conjuntos arquitetônicos em especial, há uma significação ainda mais específica que é a capacidade desses espaços de representarem um lugar de memória por si só, que deve ser organizado e pensado de maneira que aquele espaço ilustre a memória de um grupo, seja por um acontecimento específico ou por registrar os hábitos e cultura de antepassados, sendo assim um elemento essencial para a perpetuação das culturas ao longo da história, e por isso o objetivo da pesquisa de integrar ainda mais a investigação arqueológica com a tecnologia, dando mais um passo em direção ao futuro da arqueologia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vínculo do espaço com a memória é um elo muito forte que transforma os espaços comuns e corriqueiros em história viva, exemplos vivos, e isso forma uma relação de mutualismo, em que a história atribui um interesse especial àquele espaço garantindo seu movimento e atenção, e o espaço carrega em si a própria memória, garantindo que ela não seja esquecida, e toda essa simbologia e importância são fruto de estudos arqueológicos que demonstram a verdade dos lugares e dos grupos de pessoas. Até o presente momento da pesquisa foi possível ressaltar e definir a importância da história e da memória para o indivíduo e para a identidade cultural das comunidades, além de compreender o fenômeno de esquecimento e distanciamento das pessoas da memória viva de seus grupos de origem e alguns de seus agravantes. Esses aspectos colaboram na compreensão do papel dos lugares de memória, proporcionando uma contextualização para a análise e proposição de alternativas que envolvem a arqueologia e a tecnologia na criação e preservação desses lugares. A fase atual da pesquisa está em um contexto mais objetivo e de conexão de casos reais com as ideias teóricas expostas e defendidas na parte já escrita da pesquisa, tendo como primeiro exemplo em estudo o caso conduzido pelo arqueólogo Andrés Zarankin sobre o Club Atlético em Buenos Aires, um centro de detenção clandestino da ditadura de 1976, que foi um dos mais de 700 centros clandestinos utilizados pelos militares para executar o “genocídio reorganizador” que, segundo Daniel Feierstein, sociólogo e ex-presidente da Associação Internacional de Estudiosos do Genocídio, é o tipo de genocídio caracterizado pelo propósito e habilidade de alterar, pela morte e horror, as relações sociais dominantes na sociedade.⁵ O Club Atlético é um sítio arqueológico atualmente, pois ele foi demolido para a construção do viaduto 25 de Mayo, por isso tem-se a expectativa de, a partir do estudo desse caso, entender melhor como funcionam de fato as investigações arqueológicas contemporâneas, principalmente nesse aspecto da opressão e resistência, trazido com muita ênfase por Andrés Zarankin.

5. REFERÊNCIAS

¹ REGALADO, Antonio. More than 26 million people have taken an at-home ancestry test. **MIT Technology Review**, Massachusetts, fevereiro, 2019.

Disponível em:

<https://www.technologyreview.com/2019/02/11/103446/more-than-26-million-people-have-taken-an-at-home-ancestry-test/>. Acesso: 16/03/2024

² NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, 1993

³ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV-RJ, n. 10, p. 1-15, 1992

⁴ CAFEZEIRO, Yan. O Patrimônio Cultural do Tempo Presente: Uma Reflexão a Partir das Memórias Sensíveis. in: VILELA, Adalberto; ALVES, Alessandro; PANOSSO, Andrielle; FRANZEN, Douglas. (org.) *Patrimônio Arquitetônico: Debates Contemporâneos*. Itapiranga/SC: Editora Schreiber, 2021

⁵ FEIERSTEIN, Daniel. *Genocide as Social Practice: Reorganizing Society under the Nazis and Argentinas Social Juntas*. New Jersey: Rutgers University Press, 2014.